

RELATÓRIO DE VIAGEM À ÁREA GOROTIRE, ELABORADO POR
EDUARDO ALMEIDA (SBI) EM 4, 5, 6, 7 e 8 DE SETEMBRO
DE 1980.

No dia 1º de setembro último, à tarde, um grupo numeroso de homens Kayapó-Gorotire realizavam um massacre de 20 pessoas das fazendas na região da Serra dos Gradaús, no sul do Pará. Menos de um mês antes os Kayapó-Txucarramãe, aliados a homens de seis tribos do norte do Parque Indígena do Xingu, haviam massacrado onze de uma equipe de peões. Com isso, o número de mortes conhecidas no conflito latente da sociedade nacional com tribos indígenas já se elevam este ano para 41, isto é, 10 índios e 31 "civilizados".

Para o Indigenismo Brasileiro esses fatos são extremamente graves. e refletem, mais uma vez, e com triste horror, a deterioração do trabalho indigenista nos últimos tempos, particularmente após a posse do Cel. Nobre da Veiga e sua equipe na FUNAI.

Somos obrigados novamente a vir de público denunciar a fãlência a que está sendo levado o indigenismo oficial em nosso país, e conclamamos a consciência nacional a tomar atitudes urgentes em socorro dos povos indígenas brasileiros. Conclamamos especialmente, nesse momento, o apoio popular ativo e consciencioso às tribos Kayapó (Txucarramãe, Gorotire, Xikrin, etc.), aos Suruí de Rondônia, aos Guajajara, aos Kaiowa, aos Kaingang, aos Pankararé da Bahia e tantas outras nações indígenas que estão vivendo na iminência constante de ter que recorrer à violência para se defender, para sobreviver.

Nesse sentido, dirigimo-nos particularmente aos políticos, à Imprensa e às lideranças rurais do Brasil para que atentem à responsabilidade que exige o trato do problema dos massacres cometidos por índios e não-índios. Ou temos uma atitude séria e isenta para entender as atitudes dos índios, levando em conta a condição de sobreviventes dos povos indígenas nesse país, a história marcada por massacres e esbulho praticados em grande escala contra os índios, ou então estaremos reforçando uma estratégia etnocida e genocida defendida por setores minoritários mas infelizmente poderosos.

Se índios de áreas tidas como "exemplares", "vitrines" para a FUNAI, como o Parque Indígena do Xingu e o PI Gorotire, atacam desta forma é porque algo não está indo bem, o que, aliás, todos sabemos. A FUNAI não tem desculpas a apresentar. O que poderia o Governo apresentar como justificativa para tamanha demora na demarcação da área reservada de Gorotire? Meses atrás, quando pessoas que acompanhavam o assunto perguntavam na FUNAI como estava a demarcação, encontraram uma resposta plena de convencimento. Anunciava-se displicentemente que a demarcação já estava em curso. Mais uma vez fica patente que esse tipo de afirmação não responde nada em se tratando desta FUNAI. "Porque a empreiteira do serviço não cumpriu o contrato", diz a FUNAI. Ora, sabendo da experiência que já se tem com esse tipo de fato, a explicação não tira e nem sequer diminui a culpa do órgão governamental.

E lamentavelmente o Cel. Nobre da Veiga saiu-se com nova desastrosa declaração aos jornais (edição 05/09/80), dando a entender que os índios é que estariam complicando o processo de demarcação, ao exigirem uma linha 50 km além do limite leste da área. Culpou dois funcionários de maneira despuorida e aética e ainda aproveitou para renovar sua histórica e agressiva posição contra as ampliações de áreas delimitadas, revelando seu desafeto à questão indígena.

Na área Gorotire não há confirmação alguma do que afirma o presidente da FUNAI. E isto foi corroborado por declarações também publicadas pelo jornal, atribuídas ao delegado regional da FUNAI e a um emissário da Presidência da República. O fato que a priori se mostra evidente na região é que os índios se preocupam muito com a progressão dos desmatamentos em direção à linha leste

da reserva reclamada. E, se reivindicam uma linha além da já delimitada, aproveitando que a demarcação ainda não se efetivou, os índios demonstram apenas sua inteligência e instinto de preservação, visando melhorar sua posição de barganha. Tanto assim que esse aspecto não foi muito enfatizado, tanto por índios como por fazendeiros nas demoradas conversas e entrevistas que mantiveram com membros da equipe de jornalistas que esteve na região durante três dias, após o massacre. Mas, segundo o lamentável Nobre da Veiga, os índios querem demais, e as redemarcações ou redelimitações não serão mais toleradas. Forja assim o presidente da FUNAI condições para que novos conflitos ocorram, pois é fato notório a frequência de áreas indígenas mal escolhidas em vários pontos do país. Volta a demonstrar o presidente da FUNAI - infelizmente prestigiado pelo Ministro Mário Andreazza - sua incapacidade e inabilidade para o cargo que ocupa. Demonstra que não percebeu o problema da terra para os Kayapó. Desconhece, ou finge desconhecer a sucessão de massacres sofridos por esses índios desde a época áurea da borraça no começo do século, o virtual extermínio do ramo Kayapó de Conceição do Araguaia, cujos remanescentes, por sinal, acabaram por se juntar aos Gorotire. Desconhece talvez que a região onde entraram as fazendas se chama "Serra dos Gradaús" e que Gradaús, ou Kradaús, significa Kayapó na língua Karajá.

Os fazendeiros, que alegam terem começado a se instalar naquela área há dez anos, vêm, ano a ano, procurando desmatar rumo ao oeste, assentando prepostos nessas novas "fazendas", apesar de nem mesmo eles disporem de títulos de propriedade. E se a FUNAI foi capaz de lhes concederem Certidão Negativa - em área que chega a apenas 20 km de distância da aldeia Gorotire - em 1974 tem o brigação de anulá-la. Mas a atual cúpula dirigente da FUNAI, que se auto proclama administrativamente eficiente e competente, e com recursos financeiros sem precedentes à disposição, tem demonstrado apenas incompetência e irresponsabilidade no trato de questões sérias, a começar pelas conhecidas demissões de funcionários, a maioria deles com currículos reconhecidos, ao mesmo tempo em que promoviam a funções importantes pessoas inexperientes, incompetentes ou contra-indicadas. Assim é que a cúpula da FUNAI designou o neófito e aparentemente imaturo e despreparado Sr. Paulo Cezar de Abreu para a função de Delegado da Segunda DR (Belém), da mesma forma como substituiu um antropólogo-técnico indigenista por um sargento despótico na administração do Parque Indígena do Araguaia. Ao demitirem 40 funcionários de reconhecida qualificação os dirigentes da FUNAI no mínimo se arriscam a uma deterioração das condições técnicas já deficientes de funcionamento do órgão. A contratação de novos cientistas sociais, recentemente anunciada, implicará fatalmente na perda de precioso tempo no treinamento e familiarização desse pessoal, em geral inexperiente.

Quanto ao Gorotire, cumpre notar que o Sr. Delegado Regional, o novato Paulo Cezar de Abreu, declarou na sede da delegacia, no dia 4 de junho último, ao agrimensor Sergio de Campos e o antropólogo Alceu Cotia, que havia estado com os índios e prometido a eles que "se a FUNAI não demarcasse a reserva em três meses" que ele próprio iria "armá-los e expulsar os fazendeiros na marra". Essa afirmação foi testemunhada pelo então chefe da Ajudância de Marabá, José Porfírio Carvalho. Além disso, cumpre notar que o chefe do Posto Indígena Gorotire, Benigno Marques é apenas um atendente de enfermagem "respondendo pela chefia", já que dispõe de formação de "técnico indigenista", prevista para esta função. Convém lembrar, a propósito, que os coroneis da FUNAI demitiram arbitrariamente ou condiziram à demissão 13 técnicos indigenistas, formados pelo próprio órgão, de seu já desfalcado quadro.

Ainda com relação ao Gorotire, ocorre que este ano houve tentativa de derrubada para implantação de pasto na área que se si

tua do lado de dentro da linha delimitada para a reserva, e a fazenda Espadilha (Flor do Pará), segundo depoimento dos próprios fazendeiros possui lote dentro da área dos índios, embora a sede não esteja.

Então, quando o Sr. Nobre da Veiga vem apúblico desviar o assunto está apenas cumprindo seu notório papel de semear confusão e proteger o interesse de grupos econômicos inextruculosos. Acrescente-se, como já tem sido denunciado, que além dessas fazendas não-tituladas, a área delimitada dos Gorotire é penetrada também por grandes latifúndios-empresas, entre os quais um do grupo Atlantica Boa Vista - Bradesco, grupo segurador que tem entre seus dirigentes um filho do ministro Mário Andreazza.

Quanto à dimensão do massacre, o que se pode afirmar com certeza é que esses índios não estão sendo bem assistidos pela FUNAI, apesar de se tratar de uma das "vitrines" da FUNAI. Os indigenistas reconhecem que um trabalho sistemático e cuidadoso de levar o índio a conhecer e entender melhor o mundo "civilizado" precisa ser feito, e os próprios índios manifestam essa necessidade. Através do melhor entendimento, substitui-se o relacionamento conflituoso e marcado pelo medo. É por este e outros motivos que os indigenistas reclamam maior formação para os funcionários de campo, sobretudo para os chefes de Posto Indígena. Mas os coroneis da FUNAI que tanto falam em "integração do índio" e "competência administrativa", nada têm feito no sentido de resolver esses problemas. Esse ano estava previsto para março um curso de formação para funcionários, visando transformá-los em "técnicos-indigenistas". Estamos em setembro e o curso, que havia sido adiado para agosto, não foi realizado. Além disso, cumpre notar que da turma de 54 técnicos indigenistas formados no ano passado a FUNAI já demitiu seis, por motivos políticos basicamente. E o curso do ano passado representou uma interrupção de três anos sem curso.

Tudo isso se agrava com a sanha anti-anropológica dos atuais dirigentes da FUNAI, que, numa tentativa de rebater denúncias da SBI (carta ao Ministro, de 16/06/80), chegaram a afirmar que o indigenismo ali defendido não passa de "um antropologismo travestido de indigenismo". Pretendem igualmente esses coroneis da FUNAI reavivar o defundo projeto de emancipação, com os propósitos "indicadores de integração".

De mais a mais, a orientação geral da FUNAI é no sentido de resguardar os interesses dos grandes fazendeiros e grupos econômicos interessados em território indígena, como já foi bem declarado por esses coroneis. É a política do "denominador comum" do coronel Nobre da Veiga. A eles não importa muito a situação de peões, posseiros, pequenos fazendeiros ou garimpeiros, a não ser na medida em que estes são prepostos ou pontas de lança daqueles. Isso é patente em toda parte. Porque só tem morrido pessoas que não são os verdadeiros responsáveis pela invasão da área indígena? Não se pode exigir dos índios, mesmo sabendo que eles tem tantos anos de contato e assistência oficial, uma compreensão sobre má repercussão de seus atos na opinião pública brasileira. É triste admitir que tantos índios continuem vendo o "branco" como um todo monolítico, uma coisa só, um inimigo, mas é a realidade. E a FUNAI contribui para isto quando incute nos índios, por exemplo, como ocorreu no Kretire e no Gorotire, um ódio à imprensa. Esse é mais um crime cujo responsável principal é o presidente da FUNAI.

Em resumo, sobre o massacre praticado pelos Kayapó-Gorotire no dia 19 de setembro, queremos destacar os seguintes fatos:

1 - Os antecedentes de massacres sofridos pelos Kayapó nos últimos 100 anos, inclusive através de métodos covardes e traiçoeiros, destacando-se que o segmento Kayapó dos Irãamraire, do vale do Araguaia, teve como consequência de seu relacionamento pacífico e colaboracionista com os civilizados o seu virtual extermínio em 50 anos de contato;

2 - A insegurança patente dos Gorotire, um dos segmentos

mais aculturados e de mais antigo contato permanente, que experimentavam, numa região marcada por violências sociais, a penetração das fazendas, desmatamentos e de garimpeiros. Além disso, note-se que pelos menos desde 1973 que fala-se na demarcação da reserva indígena sem que o fato se efetive;

3 - O comportamento afoito do novo delegado regional da FUNAI, Paulo Cezar de Abreu, que incentivou os índios ao relacionamento conflituoso. O Sr. Delegado acompanhou os índios, algumas semanas antes do massacre, numa ação de embargo de desmatamentos dentro da área delimitada, retirando e advertindo alguns fazendeiros;

4- Os indícios bastante claros de que o gerente da fazenda Espadilha, novato na região, vinha tratando os índios de forma arrogante, despótica e discriminatória. Esse fato foi amplamente comprovado por depoimentos de outros civilizados da área das fazendas, e serve como reforço para a versão única dos acontecimentos no momento do massacre, isto é, a versão dos índios que afirmaram não ter intenção de matar, mas que se viram a isso provocados pela maneira agressiva como foram tratados, inclusive recebendo dois deles ferimentos.

Nesse sentido, reiteramos o alerta, aliás já feito na nota da SBI a propósito do massacre da BR-80, de a repetição de tais fatos lamentáveis poderá ocorrer caso as autoridades não solucionem a crise crônica por que passa o indigenismo oficial.

Lembramos mais uma vez que situações potenciais de tensão estão em grande número de lugares e o noticiário da imprensa tem mostrado vários casos nos últimos meses. Entre outras tribos, lembramos os casos críticos no atual momento: Kayapó-Xicrin, Kayapó-Gorotire e Tembe (Pará) Kayapó-Txucarramãe (Xingú), Suruí (Rondonia), Apurinã (Amazonas - Acre), Guajajara (Maranhão), Fulnio, Trucã e Pankararú (Pernambuco), Pankararé, Kiriri, Kimbé e Pataxó (Bahia), Kaingang e Guarani (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), Tupiniquim (Espírito Santo), Maxacali e Krenack (Minas Gerais), Kaiowa e Kadiweu (Mato Grosso do Sul), Xavante, Bororo e Nambiquara (Mato Grosso), Macuxi e Taulipang (Roraima), Ticuna, Kanamari e Marubo (Amazonas).

ENTREVISTA COM O "CORONEL CURIÓ"

(MAJOR MARCO ANTONIO LUCHINI, DO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL)

- Curió - Temos o maior respeito pela imprensa, porque a imprensa é a voz do povo.
- Repór - Em Gorotire, como está?
- Curió - Eu estou vindo de lá, agora.
Meu nome é Luchini, mas me conhecem aqui na área como Curió. A notícia que eu posso dar aqui, é que eu estive com todos os componentes da aldeia. Eles estão todos na aldeia. Estão na mais perfeita ordem. Estão acatando todas as determinações. O fato foi lamentável, mas nós estamos com todos na aldeia. Inclusive eu gostaria de acalmar o pessoal da fazenda, pois não tem nenhum índio fora da aldeia. A cena lá é chocante. É lamentável.
- Repór - O sr. atribui a que este fato?
- Curió - Eu vou me posicionar bem aqui: eu não sou da FUNAI. Eu sou da Presidência da República.
- Repór - O Sr. conhece bem a área?
Eu conheço bastante a área. De fato não posso negar que houve orientação de Brasília para eu chegar até aqui. Inclusive, conheço bastante os Kaiapós. É de se estranhar porque eles não são, eles não costumam praticar atos dessa natureza. Os fatos estão sendo apurado e acho que tudo gira em torno das desavenças de limites de reservas e de fazendeiros. Eu acho que tudo vai ser bastante apurado não só pela FUNAI, como pela Polícia Federal.
- Repór - A gente pode ir até lá?
- Curió - Não há proibição nenhuma.
Não sou eu quem autorizo.
- Repór - Um jornal de Belém já fotografou e hoje já deve estar nas ruas.
- Curió - Quantos jornais estão aí?
- Repór - Três.
- Curió - É o Delegado da FUNAI que autoriza.
Eu quero que todos os Srs. entendam a minha posição: eu estou mais como observador. Mais como um lemento para apaziguar, ouvir e jogar água na fervura.
- Repór - A Presidência da República está com uma preocupação muito grande com este movimento, por que os fatos estão se multiplicando, não é? Principalmente este ano.
- Curió - É, de fato, inclusive nós estamos colhendo subsídios para levar para lá, que possam cooperar com o trabalho da FUNAI. Nós não estamos participando diretamente da solução. Apenas os Kaiapós, por ligações antigas, eles costumam nos receber, nos ouvir. É lamentável. Há muito tempo que eu não vinha aqui na reserva dos gorotire. Tenho mais contato aqui no Xicrim e Catêê. Foi um fato chocante e lamentável. Posso dizer que até eu estou chocado. Foi uma coisa de comoção.
- Repór - Os índios reclamam do GETAT, que o GETAT está promovendo a colonização da área. E também os fazendeiros tem reclamado do GETAT.
- Curió - É, isso aí vem correndo entre os índios, que estão fazendo a colonização e que entrariam na reserva toda.
- Repór - O Sr. confirma este fato?
- Curió - Não. Não. Eu não tenho nada contra a GETAT. Pelo contrário, acho o GETAT foi criado e está muito recente, está engatinhando, mas bem intencionado.
- Repór - Os fazendeiros também têm reclamado.
- Curió - E nós estamos colhendo dados. Não posso dizer nem contra nem a favor. Estamos colhendo dados na área. Mas a minha missão mesmo, é entrar em ligação com os Kaiapós. Eles estão todos na reserva. Os fazendeiros, o pessoal por aqui, podem ficar tranquilos, pois não haverá nenhuma hostilização por parte deles. Podem ficar tranquilos.

- Repor - O Sr. acha que são problemas de Segurança Nacional ou são fatos isolados?
- Curió - Não tem nada com a Segurança Nacional. São fatos isolados. É o problema dos posseiros. A reivindicação pela posse da terra. O garimpo de Serra Pelada é Serra Pelada. Goiaba é Goiaba.
- Repor - Goiaba foi invadido por muita gente?
- Curió - É, eles foram avisados porque não tinha, mas como é um problema social muito grande, nós liberamos o Goiaba. Eu acho o seguinte: Este país é muito grande. O Brasil é muito grande. Esta é uma área que está sendo desbravada e, lamentavelmente, estes problemas quando chegam ao governo, já chegam consumados. A solução que estamos encontrando é procurar viver mais com o povo. E de fato o governo tem procurado fazer isso. Nós temos acompanhado tudo aqui, e eu faço questão de dizer que sou um homem do governo. A minha missão aqui é justamente essa. São áreas muito grandes. Quando nós atendemos Serra Pelada, Goiaba é invadido. Felizmente, quando fomos lá todos nos atenderam. Goiaba nem tem polícia, mas o povo está policiando na mais perfeita ordem e disciplina lá dentro. Como acontece em Serra Pelada.